

Da *Caixa Mágica* à *Caixa de Pandora* – Repensar os Poderes e os Limites da TV. O Caso da SIC Notícias

Ana Isabel Costa Martins

Universidade de Coimbra

Resumo

A presente comunicação serve o propósito de enquadrar as rotinas jornalísticas da SIC Notícias nos novos contextos da comunicação e da informação, nomeadamente no conjunto de potencialidades que estes têm vindo a conferir à prática do jornalismo. Consideramos, porém, que esta visão será necessariamente redutora caso não contemple, no reverso da análise destes poderes, uma abordagem relativa aos constrangimentos que a televisão – *apesar do* progresso ou *por causa* dele – ainda inscreve na sua natureza. O objectivo é, em última instância, desenvolver uma leitura crítica que revele o *medium* televisivo numa dupla dimensão de poder (a *Caixa Mágica*) e de limite (a *Caixa de Pandora*), partindo da realidade jornalística da SIC Notícias, que desdobraremos em três conceitos fundamentais: ‘tempo’, ‘imagem’ e ‘fontes’.

Introdução

Em 1995, numa obra onde se propunha analisar o poder das notícias, Michael Schudson lançou o seguinte desafio (Schudson, 1995: 2):

“Imaginem um mundo (...) onde o jornalismo fosse temporariamente abolido (...) Surgiria uma procura não apenas de pessoas capazes de organizar e resumir textos, mas de intérpretes, repórteres, editores (...) O jornalismo seria, de certa forma, reinventado”.

Dez anos após a publicação deste estudo, não é necessário conceber uma abolição alegórica do jornalismo para tornar válida a realidade da sua *reinvenção*. As novas tecnologias têm vindo a imprimir transformações de fundo no meio, quer através da reconfiguração da paisagem mediática, quer da aplicação das potencialidades da *Rede* e do digital à prática informativa (Sousa, 2004).

A SIC Notícias surgiu como um autêntico paradigma de transformação jornalística a nível nacional. Trata-se, pois, de um canal onde se procura reunir as funções de “intérprete”, “repórter” e “editor” numa única pessoa – uma espécie de *taylorismo*

noticioso, mas onde o jornalista intervém não apenas em uma, e sim em todas as fases da produção. Haverá mais evidente *reinvenção*?

A “Máquina do Tempo”

A dimensão temporal aparece, desde o arranque do canal, como elemento indissociável de um projecto noticioso que se pretende uma autêntica “maratona informativa” (Francisco, 2001). Desconstruindo a metáfora, esta noção de percurso ininterrupto e no qual a velocidade é ‘premiada’ adapta-se facilmente a um universo marcado pela produção de notícias em tempo real. Num artigo escrito nos anos setenta, Philip Schlesinger recorreu precisamente a uma visão metafórica para explicar a relação estabelecida entre o jornalismo e o universo temporal. Dizia então o autor que (Schlesinger, 1999: 180):

“não é inteiramente descabido falar-se de uma organização jornalística como um tipo de máquina do tempo”.

Partindo desta teoria, elaborada antes do aparecimento e generalização dos *newschannels*, Miguel Gaspar afirma que estes “são construídos de acordo com uma lógica que reitera a validade dos conceitos identificados por Schlesinger numa redacção trabalhando para um suporte convencional” (Gaspar, 2004: 44). Indo mais longe, acrescenta que os canais de notícias não se limitam a abranger noções como as de “máquina do tempo” ou “primado do imediatismo e do directo”, mas funcionam mesmo como “um suporte destinado a concretizar essa “máquina do tempo” sem as limitações impostas por um canal generalista”, transformando o fluxo contínuo de informação numa espécie de “noticiário infinito” (Gaspar, 2004: 44).

Foi precisamente este sentido de continuidade que uma das máximas iniciais da SIC Notícias, “vinte e quatro horas em directo e em português”, procurou traduzir. Com efeito, ainda que o canal tenha, desde o primeiro momento, procurado intercalar as notícias propriamente ditas com programas de informação, o seu carácter inovador residia na transposição de um modelo então inédito para a realidade nacional, fundado na actualização permanente dos conteúdos noticiosos, aspecto que lhe valeu o epíteto de *CNN portuguesa*.

Consideramos que a introdução das novas tecnologias no universo de produção jornalística, tendo permitido, sem qualquer dúvida, *acelerar* a “máquina do tempo” e concretizar, de modo mais eficaz, os ambiciosos objectivos subjacentes ao projecto dos *newschannels*, vem no entanto levantar inevitáveis questões relativamente à qualidade da prática informativa. Na década de oitenta Neil Postman alertava, no clássico *Amusing ourselfes to death*, ensaio sobre a natureza da televisão que mantém, em diversos pontos, inteira actualidade, para a perigosa diluição das fronteiras entre o entretenimento e a informação, apresentando-se esta última sob a forma de notícias “não apenas fragmentadas, mas desprovidas de contexto, de consequências, de valor e, consequentemente, de seriedade” (Postman, 1985: 100). Esta “desinformação” (1985: 107) estaria sintetizada no chamado discurso “Now...This”, fórmula linguística que, marcando a transição abrupta de um conteúdo noticioso para outro, se assumia como o expoente máximo da fragmentação televisiva (1985: 110). Ora, se projectarmos a teoria de Postman nos novos contextos da comunicação e da informação, a questão que se nos coloca é precisamente a de saber se os canais de notícias, procurando alinhar em contra-relógio os principais temas de uma actualidade dispersa, não darão o mote para a reactualização – agravamento, até – desta noção de carácter fragmentário da *teleinformação*. Neste sentido teremos, mais do que um “noticiário infinito”, uma “prática informativa em espiral”, pautada por uma repetição de conteúdos cuja submissão a uma autêntica operação de *cronometragem* acaba por desaguar numa espécie de *jornalismo fast-food*.

O *mysterium* da imagem

“Na noite de 30 de Outubro de 1938, milhares de norte-americanos ficaram aterrorizados na sequência de uma emissão de rádio que descrevia uma invasão de marcianos que ameaçava toda a nossa civilização”

Hadley Cantril (1985: 92)

Volvidos mais de sessenta anos sobre a noite em que o enredo idealizado por H.G. Wells foi transposto das páginas dos livros para os microfones da rádio, ousamos afirmar que os media exercem, mais do que nunca, um *efeito guerra dos mundos*. Tal assunção implica, naturalmente, um distanciamento face ao contexto histórico, cultural

e tecnológico que, então na década de trinta, serviu de pano de fundo ao “fenómeno”. Transpô-lo para os nossos dias é, portanto, elevá-lo à categoria de metáfora: longe de associar os meios de comunicação actuais à criação de qualquer tipo de pânico generalizado, pretendemos somente sublinhar a sua capacidade para construir realidades (quais marianos de Wells) percebidas como verdadeiras. Nesta linha de pensamento – e transferindo para um outro *medium* o ‘engano’ originalmente gerado na rádio – consideramos a televisão, fábrica de imagens imbuídas no efeito de real *barthesiano*, o palco privilegiado para a expressão deste poder.

Um outro *slogan* da SIC Notícias, “um mundo à distância dos seus olhos” vem precisamente sublinhar o papel da imagem enquanto elemento incontornável na ligação estabelecida entre telespectador e realidade, fazendo ecoar as concepções alegóricas *Homo Videns* (Sartori, 2000) e *Homo Zappiens* (Santos, 2000), ou os aforismos “Ver é acreditar” (Philo, 1995), “Ver é compreender” (Ramonet, 1999: 134) ou “Não vi, logo não existe” (Lopes, 1999: 76). Teorias que, de resto, corroboram a ideia de que é em torno da componente visual que gravita o “*mysterium televisionis*”, expressão empregue por Eco (1976: 21) para designar a força de atracção deste *medium*.

Ora, esta força tem sofrido, de resto, os efeitos amplificadores das novas tecnologias ao serviço da comunicação e da informação. Refira-se, como exemplo particularmente significativo, o impacto da cobertura noticiosa dos atentados ocorridos em Londres no passado mês de Julho, a partir do momento em que os passageiros do metro enviaram para a *BBC* e para a *Sky News*, via telemóvel, mensagens escritas, fotografias e filmes dos momentos que se seguiram às explosões, material posteriormente difundido quer pelas estações supracitadas, quer por inúmeros outros canais, incluindo a SIC Notícias. Por outro lado, recorde-se igualmente uma ligação directa, aquando da intervenção norte-americana no Iraque, a um enviado especial a Bagdade que, procurando descrever o ambiente vivido no local onde se encontrava, afirmou que muito provavelmente o público teria, através do ecrã, uma perspectiva mais completa do que ele próprio, *in loco*. Tratou-se, em última análise, da inversão do paradigma: a câmara, extensão *mcLuhaniana* do olho humano (McLuhan, 1964), sobrepôs a sua capacidade de *visão* à da própria testemunha ocular. Mais do que a uma *guerra em directo*, assistia-se *directamente* a uma guerra.

Embora constituindo um manifesto testemunho do poder da imagem, as situações acima descritas não invalidam que aquela se assuma, no reverso de tais potencialidades, como o maior constrangimento da linguagem televisiva (Lopes, 1999: 75). De uma perspectiva geral, a principal barreira ontológica da imagem radica na incapacidade de representação do abstracto. Como referem Sousa e Aroso, “o amor ou a inflação são conceitos que não têm imagem” (Sousa e Aroso, 2003: 87), pelo que não será possível ao jornalista aspirar a algo mais do que uma aproximação à realidade que pretende transmitir. Por exemplo, os temas económicos, vivendo de noções como as de *oferta* e *procura*, *lucro* e *prejuízo*, *emprego* e *desemprego*, entre muitas outras, obrigam à exploração, em termos visuais, de vias alternativas de sentido – tarefa que, de resto, pode oferecer sérias dificuldades, sobretudo numa realidade como a da SIC Notícias, marcada, como vimos por uma produção noticiosa contínua e espartilhada por fortes imperativos temporais.

No que concerne à situação específica deste canal temático, o programa de edição digital *Clip Edit* tornou-se uma ferramenta indispensável no âmbito das rotinas jornalísticas. Mais do que possibilitar o acesso ao material proveniente das agências noticiosas, das diversas delegações da SIC, do arquivo ou da própria redacção, este novo instrumento ao serviço dos *telejornalistas* emerge como substituto das tradicionais *ilhas de edição*, possibilitando a selecção e o corte das imagens, o controlo do som e a inserção nas *peças* de um *off*, ou seja, a associação da sonorização do texto à componente visual. Trata-se, pois, de uma autêntica plataforma de produção de sentido onde as imagens (Harlé, 1998: 10),

“ligadas umas às outras pela magia da montagem, se tornam elementos de uma narração, de uma história susceptível de interpretações diversas”.

Consideramos indiscutíveis as vantagens de um programa como o *ClipEdit* no contexto de um canal que, como vimos, se enquadra na concepção de “máquina do tempo” postulada por Schlesinger (1999: 180). Possibilitando o tratamento *em rede* de todos os trabalhos jornalísticos (inclusivamente a correcção de informações ou de problemas de montagem sem que isso implique o seu recomeço), a “geração *ClipEdit*” celebra o “casamento entre a televisão e o computador” (Woodrow, 1991: 20) e tem vindo

progressivamente a anular a imagem do jornalista rodeado de cassetes na azáfama da redacção, com todos os constrangimentos que esse método comportava.

Conferindo aos profissionais da informação uma autonomia outrora inviável, esta nova ferramenta não deixa, no entanto, de merecer alguns apontamentos críticos relativamente às transformações que infligiu à prática noticiosa. Em primeiro lugar, as edições em *ClipEdit* começaram por ser rotuladas como “de segunda”, quer por vários jornalistas da SIC (que nas *ilhas* tinham possibilidade de ver introduzidos nas respectivas *peças* efeitos inexequíveis no novo programa), quer por muitos editores de imagem (verdadeiros “puristas”, cépticos relativamente às potencialidades do digital).

Por outro lado, este *software* trouxe mudanças significativas a nível da organização do trabalho ao longo da *linha de produção* informativa. Senão vejamos: numa situação ideal, o repórter “de antes” chegava à redacção com o respectivo material e, respeitando aquela que Sousa e Aroso definem como a “melhor opção”, esquematizava “a narrativa audiovisual antes de pensar no texto *off*” (2003:116). Após visualizar as imagens, encontrava-se em condições para escrever a *estória* e, cumprida esta tarefa, para se dirigir ao elemento seguinte da cadeia, o editor de imagem, que procedia de imediato à montagem da *peça*. Na *Era Clip Edit*, pelo contrário, a concentração do trabalho num único jornalista pressionado pela *ditadura dos instantes* leva frequentemente à subversão da lógica subjacente às rotinas tradicionais: torna-se possível aos profissionais da informação preparar os textos enquanto aguardam que o computador acabe de descarregar os *feeds* horários das agências (já que, a maior parte das vezes, estas fazem chegar primeiro a informação escrita) e, no caso de uma notícia em permanente actualização ao longo do dia noticioso, aplicar diferentes textos à mesma sequência de imagens ou, inversamente, substituir sucessivamente o material visual que ilustra uma só notícia. Por outro lado, quando é urgente a divulgação de um determinado acontecimento, o *Clip Edit* abre caminho a que, por contingências de tempo, um jornalista se reserve a tarefa de escrever um *off* e outro proceda à edição das imagens, transformando o produto noticioso no resultado de duas tarefas isoladas e ignorando, assim, o perigo de uma eventual desarticulação.

Finalmente, no que à componente sonora diz respeito, o que acaba por criar *ruído* no meio televisivo é, paradoxalmente, a ausência de ruído (por exemplo, quando um bloco de imagens de agência chega aos computadores da redacção sem *audio*). Nesta situação,

o *Clip Edit* permite que seja inserido nesse material um “som de empréstimo” retirado de uma sequência de imagens que retratam um acontecimento análogo (como a aplicação, à cobertura visual de uma manifestação, do som de um outro protesto que reúna aproximadamente a mesma quantidade de cidadãos). Ora, este tipo de operação de *colagem* digital acarreta implicações estéticas (já que, por muito semelhantes que sejam os acontecimentos em causa, a montagem nunca ficará perfeita) e, sobretudo, éticas (independentemente da sua “honestidade” ou “desonestidade”, não deixa de constituir uma manipulação do som, susceptível de, por exemplo, transformar em aplausos os gritos de contestação de um grupo de indivíduos).

Parece-nos, por conseguinte, que os instrumentos de trabalho que as novas tecnologias têm colocado à disposição da prática jornalística abrem caminho a algumas questões problemáticas, nomeadamente no âmbito da informação televisiva, cujos conceitos nucleares – som, texto e imagem – se tornam muitas vezes elementos *solitários* e não *solidários*. Cumpre-nos, no entanto, reiterar que não é nossa intenção menosprezar a pertinência das ferramentas que habitam os actuais contextos de informação e comunicação. Consideramos apenas que perspectivar de forma crítica esta nova realidade passa necessariamente por enformá-la na dicotomia “poder-limites” que tem assumido um carácter transversal nesta nossa reflexão. É, uma vez mais, este binómio que estará subjacente à análise de um outro tema incontornável no âmbito do universo jornalístico hodierno: a problemática das fontes.

Internet e Agências de Notícias: *janelas* da redacção

Uma das promessas de Nuno Santos aquando da estreia da SIC Notícias prendia-se com o tipo jornalismo que seria praticado no canal. Afirmava o então Director que (Coutinho, 2001):

“se há um fogo, não telefonamos aos bombeiros ou ao café mais próximo. Vamos à procura da notícia”.

Ora, na realidade actual, em que – como previra Servan-Schreiber (1974: 251-254) há mais de trinta anos – as informações podem ser transmitidas “qualquer que seja o local em que se produzem”, “no próprio momento em que se produzem”, “onde quer que se encontre o consumidor”, “qualquer que seja o momento em que delas se necessitar” e “qualquer que seja o seu tema”, o jornalista não necessita, muitas vezes, de ir à procura

da “notícia do fogo” – mas a “notícia do fogo” chega de imediato à redacção. Na base desta nova lógica jornalística, que tem vindo progressivamente a anular a tradicional imagem dos profissionais da informação a correr atrás das fontes, está o desenvolvimento das redes de comunicação e o progresso tecnológico, traduzidos na (Leal, 2002: 1):

“presença cada vez maior de fontes de informação na própria redacção, seja na forma de *press-releases*, de matérias de agências de notícias ou de textos acessíveis via internet”.

Na SIC Notícias – cuja redacção, a título de curiosidade, não possui janelas – a *abertura para o mundo* é feita através do computador, estando reservado um papel predominante no contexto da produção noticiosa à *Rede* e ao material de agência.

Embora constituindo uma ferramenta indispensável, sobretudo por facultar o acesso à informação de cariz internacional, as agências de informação acentuam, porém, a dependência do jornalismo actual face ao material pré-fabricado, o primado da notícia sobre a reportagem de fundo e a subalternização das operações de contextualização. As informações são frequentemente submetidas à técnica de “copy-paste” dos conteúdos de agência os quais, para além da introdução “cosmética” de um *grafismo*, nem sequer chegam, muitas vezes, a ser tratados e formatados *televisivamente*. Por outro lado, a facilidade de acesso às agências, cujo material é uniformemente enviado para um vasto leque de órgãos, acaba por anular, em diversas situações, à procura de material exclusivo.

Não se põe aqui, em causa o papel das agências no actual cenário da comunicação e da informação. Seria, de facto, incomportável para uma estação como a SIC Notícias fazer depender a informação internacional exclusivamente de relatos e material enviado por correspondentes (sendo igualmente impossível cobrir, através destes, uma área geográfica tão vasta como a abrangida pelas agências, e com idêntica capacidade de resposta). Há, no entanto, que equacionar o seu impacto à luz das supracitadas palavras de Nuno Santos. A *informação à distância de um clique* facultada pelas agências acaba por sobrepor ao trabalho de pesquisa e contextualização jornalística uma avalanche de conteúdos *mcdonaldizados*, trazendo a informação ao jornalista, e não o inverso. Emerge, desta forma, aquele que se nos afigura como o grande paradoxo do jornalismo actual: nunca o mundo havia sido inundado por um caudal informativo como aquele a que hoje se assiste. Porém, a essa aldeia global *mcluhaniana*, onde chovem informações

praticamente ao segundo e onde as notícias se movem ininterruptamente pelos quatro cantos do planeta, corresponde uma *sedentarização* da profissão jornalística, à sombra da torrente noticiosa que invade a redacção.

Conclusão

A descrição sumária de todos estes pontos-chave vem sublinhar a urgência de projectar a discussão sobre os media em geral – e sobre a prática jornalística em particular – no contexto dos horizontes comunicativos e informativos de hoje. Do nosso ponto de vista, o primeiro passo para essa reflexão será, mais do que levar a cabo um levantamento de novos conceitos incontornáveis no âmbito das rotinas jornalísticas, promover uma reactualização dos antigos, enquadrando-os nos cenários hodiernos. Foi esta a tarefa que procurámos, de forma breve, desenvolver, seleccionando as noções de “tempo”, “imagem” e “fontes” – de resto, absolutamente centrais para o exercício de compreensão do jornalismo actual. A realidade da SIC Notícias assumiu-se, neste contexto, como paradigma, fornecendo as linhas fundamentais a partir das quais nos foi possível entretecer um panorama geral dos novos tempos informativos.

A nossa intenção traduziu-se, ao longo deste percurso, na tentativa de encontrar um equilíbrio entre uma apologia cega dos meios e ferramentas de hoje e um cepticismo desencantado face à mesma realidade. Pensar o caso específico do *medium* televisivo na sua dupla dimensão de *Caixa Mágica* e de *Caixa de Pandora* é, para terminar sob a forma de metáfora, partilhar do entusiasmo e curiosidade da *Alice* de Lewis Carroll ao entrar num admirável mundo novo, sem esperar, no entanto, que este se revele apenas como um *país de mediáticas maravilhas*.

Bibliografia

- Cantril**, Hadley, “La invasión desde Marte”. In **Moragas**, M. (org.), *Sociología de la Comunicación de massas*, Vol. II, Barcelona, Gustavo Gili, 1985, pp. 91-110
- Coutinho**, Isabel, “Uma televisão só com notícias”. In *Público*, 8 de Janeiro de 2001, p. 32
- Eco**, Umberto, *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1976
- Francisco**, Susete, “Rebento SIC começa a andar”. In *Diário de Notícias*, 8 de Janeiro de 2001, p. 60
- Gaspar**, Miguel, “Cimeira de Copenhaga ou European Summit? Perspectivas nacionais face à União Europeia na cobertura da SIC Notícias e da Sky News”. In **Centro de Investigação Media e Jornalismo**, *Media & Jornalismo*, N.º 4, Ano 3, Coimbra, Edições MinervaCoimbra, pp. 41-58
- Harlé**, Mélusine, *Attentats et Télévision: paroles et images*, Bruxelles, De Boeck Université, 1998
- Leal**, Bruno Souza, “Do testemunho à leitura: aspectos da evolução do narrador jornalístico, hoje”, 2002. Disponível em <http://bocc.ubi.pt> [Consultado a 3 de Junho de 2005]
- Lopes**, Felisbela, *O Telejornal e o Serviço Público*, Coimbra, Livraria Minerva Editora, 1999
- McLuhan**, Marshall, *Understanding media: The extensions of man*, Nova York, McGraw-Hill, 1964
- Philo**, Greg, *Seeing and Believing: the influence of television*, London, Routledge, 1995
- Postman**, Neil, *Amusing ourselves to death: public discourse in the age of show business*, New York, Penguin Books, 1986
- Ramonet**, Ignacio, *A Tirania da Comunicação*, Porto, Campo das Letras, 1999
- Sartori**, Giovanni, *Homo Videns: Televisão e pós-pensamento*, Lisboa, Terramar, 2000
- Santos**, João de Almeida, *Homo Zappiens: o feitiço da televisão*, Lisboa, Notícias Editorial, 2000
- Schlesinger**, Philip, “Os jornalistas e a sua ‘máquina do tempo’”. In **Traquina**, Nelson (org.). *Questões, Teorias e “Estórias”*, Lisboa, Vega Editora, 1999, pp. 177-190
- Schudson**, Michael, *The Power of News*, Cambridge, Harvard University Press, 1995
- Servan-Schreiber**, Jean Louis, *O Poder da Informação*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1974
- Sousa**, Jorge Pedro e **Aroso**, Inês, *Técnicas Jornalísticas nos Meios Electrónicos*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003
- Sousa**, Jorge Pedro, “Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início do séc. XXI”, 2004. Disponível em <http://bocc.ubi.pt> [Consultado a 10 de Maio de 2005]
- Woodrow**, Alain, *Information, Manipulation*, Paris, Editions du Felin, 1991